

Eça de Queirós e o Reino do Sião: imagem em três textos jornalísticos

José Carvalho Vanzelli

RESUMO: Este trabalho visa descrever a imagem construída por Eça de Queirós (1845-1900) acerca do Reino do Sião, atual Tailândia, em algumas contribuições para periódicos. Para tal, vamos discutir três textos do autor: “O 14 de Julho. Festas Oficiais. O Sião” e “A França e o Sião” de 1893, presentes na coletânea *Ecos de Paris* (1905) e “França e Sião”, datado de outubro de 1897, parte integrante das *Notas Contemporâneas* (1909).

ABSTRACT: This work aims to describe the image of the Siam Kingdom (Thailand) built by Eça de Queirós (1845-1900), renowned Portuguese writer, in some newspaper articles. In order to that, we analyze three texts: “O 14 de Julho. Festas Oficiais. O Sião” and “A França e o Sião”, written in 1893 and part of the book *Ecos de Paris* (1905) and “França e Sião”, from October 1897 and part of *Notas Contemporâneas* (1909).

PALAVRAS-CHAVE: Tailândia; Orientalismo; Imperialismo; Extremo Oriente

KEYWORDS: Thailand; Orientalism; Imperialism; Far East

Introdução

No final do século XIX, o projeto colonial europeu ainda operava com muita força e era bem visto por grande parte da sociedade do velho continente. Entretanto, algumas mentes aguçadas da época iam pelo caminho contrário do pensamento comum europeu e conseguiam enxergar os perigos e os problemas de tal método civilizatório. No ambiente intelectual português, podemos destacar Eça de Queirós, que, além de romancista, trabalhou como cônsul em Havana, Bristol, Newcastle e Paris e colaborou inúmeras vezes com periódicos portugueses e brasileiros. A vida nos centros culturais e políticos europeus (França e Inglaterra) permitiu seu acesso aos movimentos intelectuais da época. Tendo como característica ainda um espírito irônico e contestador, Eça conseguiu enxergar criticamente não apenas seu país, mas também seu continente, seu mundo e seu tempo.

Neste trabalho, vamos abordar o Extremo Oriente que, no final do século XIX, enfrentava o poder bélico europeu atrás de novas colônias. Desde o imenso império chinês até pequenos reinos do sudeste asiático, quase toda essa região do planeta

vivenciou a exploração europeia. Aqui, vamos abordar especificamente o Reino do Sião (atual Tailândia), que entrará em conflito com a França por questões territoriais. Eça, de Paris, acompanhará o caso de perto e descreverá aos seus leitores o cenário internacional.

Sendo Eça um dos principais intelectuais de seu tempo no ambiente lusófono, pretendemos depreender a visão do autor d’*O Mandarim* (1880) acerca do reino oriental e desvendar se esta corrobora ou contradiz o pensamento comum do europeu da época. Para tanto, vamos analisar três textos: dois publicados originalmente na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro nos dias 13 e 20 de agosto de 1893 e, posteriormente, colocados na coletânea *Ecos de Paris* (1905) sob os títulos “O 14 de Julho. Festas Oficiais. O Sião” e “A França e o Sião” e um texto intitulado “França e Sião”, datado de 5 de outubro de 1897 e, de acordo com Campos Matos (1988), inicialmente publicado na *Revista Moderna* de Paris. Atualmente integra as *Notas Contemporâneas* (1909).

A França, a Inglaterra e o Sião nos textos de 1893

Eça de Queirós nunca esteve no Extremo Oriente. Do Oriente, Eça conheceu o Egito e as terras da Síria e Palestina em uma viagem feita em 1869, juntamente com seu amigo e então futuro cunhado Conde de Resende sob o pretexto de testemunhar a abertura do canal de Suez. Dessa viagem saíram inúmeras anotações pessoais que Eça nunca chegou a publicar. No entanto, a partir deste material “sairia depois *A Relíquia* (1887), um capítulo da *Correspondência de Fradique Mendes* (1900), as recordações de Malta utilizada n’*O Mistério da Estrada de Sintra* (1870) e a visão do deserto do conto *Santo Onofre* (1912)” (CAMPOS MATOS, 1988, p.219-220). Somente em 1926 algumas anotações seriam levadas a público. Seu filho José Maria d’Eça de Queirós reuniu as anotações acerca do Egito e as publicou sob o título de *O Egito*.

Se Eça nunca esteve no Sião, podemos inferir que sua construção do reino oriental se baseará em reportagens lidas em periódicos europeus, em livros, além de conversas com amigos e colegas que tenham viajado para essa região do globo. Beatriz Berrini (1993, p. 198) confirma nossa suposição quando diz que “seu trabalho jornalístico em geral não é resultado de reportagens e estudos pessoais, *in loco*, dos problemas. Suas fontes de informação são os periódicos”.

Eça escreveu os textos de 1893 em Paris, onde exercia a função de cônsul desde 1888. Logo, escrevia de um dos locais envolvidos no imbróglio, tendo assim, fácil acesso às notícias do acontecimento internacional.

Os textos têm o foco na França e na Inglaterra. E não poderia ser diferente, uma vez que Eça escreve na Europa enquanto correspondente internacional do jornal carioca. O Sião, portanto, aparecerá, primeiramente, como estopim para uma iminente desavença entre as duas nações.

Na primeira abordagem da questão internacional, em “O 14 de Julho. Festas Oficiais. O Sião”, que ocupará aproximadamente metade deste artigo, Eça apresentará o reino como causa de um possível caso de guerra:

Há, ao que parece, uma grave, muito grave novidade internacional. A França e a Inglaterra estão arrufadas. Mais: estão franzindo terrivelmente, uma para a outra, o sobrolho e falando com azedume de *casus belli*. (caso de guerra) [...].Este rompimento de relações entre a França e a Inglaterra tem por motivo o Sião. (QUEIRÓS, 2002, p. 368)

Portanto, o Sião entra no texto como coadjuvante, como objeto motivador do estranhamento entre as nações europeias.

Em seguida, Eça apresenta, de maneira irônica, o reino do Extremo Oriente e seu rei já desvendando o interesse europeu naquela região:

Sião é um reino do Extremo Oriente, muito rico e, portanto, muito apetecível. Tem um rei bastante curioso, segundo se depreende da sua fotografia, porque da cinta para cima anda vestido à chinesa, e da cinta para baixo à Luís XV! [...] Além do seu rei, Sião possui toda a sorte de riquezas naturais, em plantações e em minas. É portanto um delicioso e proveitoso país para possuir. (QUEIRÓS, p. 368)

A partir deste ponto, o Sião desaparece do texto e Eça traça uma contextualização histórica centrada nas questões franco inglesas. Juntamente dessa contextualização, sempre irônica, está uma grande crítica à Europa, ou melhor, à França e à Inglaterra e ao seu projeto colonial. Ao longo do texto, Eça vai descortinando a imagem europeia acerca dos povos orientais.

Ambas [França e Inglaterra], muito naturalmente, se encontram há anos nesses confins do Oriente, lado a lado, com o olho guloso cravado sobre Sião. [...] O animal inconsciente foi posto sobre a Terra para nutrir o animal pensante – e por isso com bois se fazem bifes. Os países orientais são feitos para enriquecer os países ocidentais – e por isso com os Egiptos, os Tunes, os Tonquins, as Cochinchinas, os Siãos (ou Siões?) se fazem para a Inglaterra e para a França boas e pingues colónias. Eu sou civilizado, tu és bárbaro –

logo, dá cá primeiramente o teu ouro e depois trabalha para mim (QUEIRÓS, p. 368-369).

Vale ressaltar que nesse parágrafo Eça consegue enxergar o que Edward Said (2001) conceituará no final do século XX na sua obra *Orientalismo*: mostrar como as nações imperialistas criam imagens redutoras de um “outro” (bárbaro *versus* civilizado; animal inconsciente *versus* animal pensante; etc.) para poder legitimar sua exploração.

Também é interessante o recurso de Eça, que usa a sua voz para mostrar a visão europeia predominante na época. Mas não podemos nos equivocar e ligar esse pensamento ao de Eça, pois quando ele diz “os povos orientais têm uma religião, uma filosofia e uma arte melhores ou tão boas como as dos ocidentais” (QUEIRÓS, p. 369) notamos uma visão mais respeitosa com o Oriente.

O texto publicado em 20 de agosto de 1893 trata exclusivamente do imbróglgio siamês. Se no primeiro texto o Sião aparece meramente como um motivo para o atrito entre as hegemonias europeias, agora a imagem é outra. Juntamente com a visão de vítima do interesse imperialista iniciada no primeiro artigo, aparece outra visão de Eça, destacada por Orlando Grossegeesse, acerca da China, mas que acreditamos se encaixar na situação siamesa: a imagem do oriental “hábil, incansável, pontual, dócil” (QUEIRÓS, p.543). Uma imagem que é, também nas palavras de Grossegeesse, uma “hiper idealização” (GROSSEGESSE, 1997, p. 11)

Eça abre o texto:

A França começou enfim a devorar Sião. Este **ingênuo, amável e polido** povo recebeu, há quatro ou cinco dias, um ultimato em que era intimado a entregar, sem demora, à França uma imensa porção do seu território e uma não pequena porção do seu dinheiro. Segundo **a prudente maneira dos Orientais**, o Sião nem consentiu, nem recusou. Com **aquela mansidão e humildade que tão própria é de budistas** e de fatalistas, replicou que não compreendia bem as exigências da França, que apetecia a paz, e que por amor dela estava disposto a dar algum dinheiro, mas não tanto, e a abandonar algum território, mas não tão vasto. (QUEIRÓS, p. 371, grifo nosso)

Logo, nos textos há dois Siões (ou Siãos?). Em um deles o Sião aparece enquanto país oriental feito “para enriquecer os países ocidentais”, ou seja, o povo oriental enquanto vítima; no outro o Sião é “ingênuo, amável e polido”, uma visão positiva e idealizada do Oriente.

Essas representações se intercalam ao longo da crônica. No parágrafo seguinte, Eça destaca mais uma vez a primeira imagem: “os países do Oriente têm uma

deplorável **fama de duplicidade e falsidade**” (QUEIRÓS, p. 371), mas logo apresenta a segunda: “e a França, sem se deter em mais explicações com o **infeliz** Sião, bloqueou-lhe as costas e fez marchar sobre as províncias do interior as suas tropas coloniais da Cochinchina” (QUEIRÓS, p. 371, grifo nosso)

Adiante, ao informar aos leitores que o perigo de guerra entre as potências europeias tinha acabado por falta de interesse do povo inglês nas terras tailandesas, Eça nos dá o maior exemplo da representação negativa dos povos orientais. Cito:

E uma senhora que ultimamente, num salão, considerava como a coisa mais pueril e mais grotesca que duas nações tão elegantes como a França e a Inglaterra, se batessem por causa de ‘bichos tão feios como os siameses’ – estabelecia, sem o saber, a verdadeira doutrina do século. (QUEIRÓS, p. 372)

Aqui há claramente a exposição do pensamento europeu: franceses e ingleses são “nações elegantes”, enquanto os siameses são “bichos tão feios”. E ainda há um desmascaramento da política colonialista quando afirma: “a verdadeira doutrina do século”.

Apesar desse distanciamento que Eça consegue ter e de sua imagem aparentemente contrária à dos demais europeus, não se trata, obviamente, de uma negação da Europa. Eça faz uma distinção muito clara de política e cultura. Em outras palavras, consegue enxergar criticamente a Europa em suas questões políticas, mas não deixa de admirá-la ou achá-la menos interessante em detrimento das culturas orientais. Para corroborar nosso pensamento, lembramos aqui das palavras iniciais de outro texto do próprio Eça, publicado na mesma *Gazeta de Notícias* em 18 de janeiro de 1892, intitulado “A Europa em Resumo”, no qual ele diz: “De todas as cinco partes do mundo a Europa, apesar de tão gasta, permanece incontestavelmente a mais interessante”. (QUEIRÓS, 2002, p. 231). A França será sempre seu “paradigma de sofisticação” (GARMES, 2005, p. 55) e, mesmo a criticando, não se trata de uma negação da cultura francesa, mas de sua política. Citamos o estudo da professora Maria Helena Jacinto Santana (1987, p. 240-242 apud MINÉ, 2000, p. 49)¹:

As crônicas de 90 vêm reafirmar, de acordo com a sua especificidade e contextos, a afirmação de independência face à mãe latina anunciada já em textos anteriores à chegada do escritor a Paris. [...] Não se trata de negar todo o valor à França – o que seria pouco verossímil num correspondente de Paris – mas de relativizar a sua importância como mito cultural do Ocidente. Seria abusivo pensar que

¹SANTANA, Maria Helena Jacinto. *Imagens da França nas crônicas de Eça de Queirós*. Universidade Coimbra, dissertação de mestrado, mimeo., p. 240-242.

Eça deixou de admirar e mesmo amar a França. O que acontece é que a imagem globalmente negativa transmitida nas crônicas de Paris dialoga com uma outra imagem, cristalizada, anterior.

A política também será a principal crítica quando Eça, nos últimos parágrafos da crônica, relata as impressões que seu amigo teve do Sião.

Eu tenho um amigo que esteve nesse pobre Sião, hospedado pelo rei, no palácio, e conta detalhes bem pitorescos.

Todo o reino de Sião pertence ao rei, tão completamente como aí uma fazenda de café pertence ao fazendeiro. O rei é o dono do solo, dos edifícios, dos habitantes e da riqueza dos habitantes. Pode, querendo, doar, hipotecar, trocar ou vender o reino com tudo o que está dentro das fronteiras.

É uma posse agradável. O povo, por seu lado, considera o rei não só como seu dono, mas como seu deus. E a fórmula religiosa (como se disséssemos o artigo da constituição) que define as relações e deveres entre povo e rei é esta: “Do rei o povo recebe a vida, o movimento e o ser”. (QUEIRÓS, p. 374)

Observamos que as imagens orientais apontadas anteriormente mantêm-se aqui. Nesse trecho observamos o Sião vítima quando mais uma vez Eça diz “pobre Sião”.

A construção do Sião por Eça é muito semelhante à feita no artigo anterior, ou seja, bastante irônica. Mas se bem observadas, as críticas e ironias dirigem-se sempre ao Rei e seu despotismo e não à cultura ou ao povo siamês. O texto segue:

O rei tem um nome imenso, chama-se Prabat-Tomedetch-Pra-Parammdir, etc., etc., etc. Todo ele não caberia em cinquenta linhas. E de cada vez que se fala ao rei (só os nobres gozam esse privilégio) é da etiqueta invocá-lo com o nome todo.

Uma conversa com sua majestade dura assim longas e longas horas, por causa do nome. De facto, a mais laboriosa e pesada ocupação da corte, é pronunciar o nome de el-rei.

[...]

E as suas maneiras têm nobreza. O que o estraga é o seu ilimitado poder, a sua posição de divindade, e a prodigiosa, inverosímil adulação que o cerca. Assim é uma regra (e cumprida com fervor) que todo o siamês que tem uma filha bonita a dê de presente ao rei. As suas concubinas oficiais excedem em número as de Salomão. São aos milhares. E o rei, apesar de novo, de não contar ainda quarenta anos, já tem cento e oitenta e tantos filhos! Tudo isso, esposas e filhos, vive no palácio, que oferece as proporções de uma vasta cidade. Há ruas inteiras de esposas! Há bairros inteiros de filhos.” (QUEIRÓS, p. 374)

Se antes o rei era aquele que “da cinta para cima se vestia a chinesa e da cinta para baixo a Luís XV”, agora ele é ironizado pelo tamanho de seu nome. Adiante, pela

quantidade de mulheres e filhos. Mas a crítica se centra, não na sua figura, que é apenas zombada, mas no seu sistema político: “O que o estraga é o seu ilimitado poder, a sua posição de divindade, e a prodigiosa, inverossímil adulação que o cerca”

O rei ainda é criticado por não conhecer seu reino:

O rei nunca sai do palácio, não conhece o seu reino, mal conhece a sua capital, que é Banguécoque. Quando por acaso dá um passeio, é uma grande festa, uma grande gala. As ruas são aplainadas e areadas; pintam-se as casas de fresco; os canais (porque Banguécoque assemelha-se a Veneza) levam uma rápida limpeza; toda a população se lava, se alinda, se cobre de joias; e para que não chova, celebram-se preces nos templos (QUEIRÓS, p. 375)

Quando Eça fala, nas suas últimas impressões do Sião, da cidade de Bangcoc, é a de um lugar sujo e pouco cuidado. Não poderíamos ver aqui a cidade enquanto metáfora da população siamesa abandonada pelo rei, sendo mais uma crítica à política real? Cito: “Depois o rei recolhe, e por muitos e muitos meses Banguécoque recai no usual desleixo e porcaria. Só no palácio há asseio. De resto, o palácio é que é a nação.” (QUEIRÓS, p. 375)

Vemos, então, nessa descrição final, que se ao longo do texto Eça criticou a política europeia, ele não é menos crítico ao despotismo siamês. Ou seja, nesse ponto França e Sião são colocados no mesmo patamar. Se a política europeia é ruim e os países militarmente mais fracos são suas vítimas, a política siamesa é igualmente ruim, por abandonar sua população. De um lado vemos a França e a Inglaterra explorando territórios orientais, de outro, vemos a realeza siamesa explorando seu povo. No final, todos se equivalem.

O texto de 1897

O texto de 1897 está presente nas *Notas Contemporâneas* (1909) sob o título de “França e Sião”, diferentemente de “A França e o Sião” de 1893. É um texto curto, motivado pela visita do rei tailandês Chulalongkorn à França.

Nesse texto, ao contrário dos dois anteriores, Eça não trata de sua contemporaneidade, mas narra de maneira bem humorada o primeiro contato entre os povos de França e Sião em 1685.

A história gira em torno da instalação da primeira embaixada francesa no Sião e tem um grego chamado Constâncio, primeiro-ministro do Sião como figura central.

No texto, Eça destaca o choque francês ao encontrar os “selvagens” siameses, como no trecho:

De recamado uniforme, coberto de plumas, com talabarte de seda e matiz viera ele, esperando visitar um personagem no seu palácio. Encontrou uma cabana de bambus, coberta de folhas de palmeira, e dentro, num esguio espaço ‘sem poltronas, sem tapetes, sem lustres’ três indivíduos ‘sem sapatos, sem meias, sem cabeleira, sem chapéu, com um vil paninho à cinta para lhes velar a nudez indecente!’. Todavia, apesar do escândalo o major da embaixada, à porta, rojando na lama as fofas plumas do seu chapéu, numa cortesia funda à moda grande de Versalhes, perguntou onde se encontrava o governador da barra. Um dos sujeitos seminus e encruzados sorriu e murmurou com doce polidez: - Sou eu! (QUEIRÓS, 1958, p. 1589)

Assim como nos textos de 1893, Eça ironiza a figura real. Agora, tanto do rei francês quanto do rei siamês. De Luís XIV, ele diz: “O grande rei entrara então na sua desagradável velhice. Perdera todos os dentes – e já os beiços moles se encovavam repuxados pelas gengivas nuas, causando desgosto a Vênus” (QUEIRÓS, p. 1586); e do rei do Sião: “Era um velhito magrinho, enrugadinho, todo rapado, com uma enorme verruga no queixo, eriçada de dois pelos longos mais rijos que piaçaba” (QUEIRÓS, p. 1590).

Portanto, aqui, repete-se a representação final dos textos de 1893. Mais uma vez, França e Sião são colocados lado a lado, não havendo tendência para o lado europeu, nem para o lado oriental. Eça ironiza tudo. O Oriente:

E meses depois, era ele o *barcalon* [primeiro-ministro], pois que o rei, fascinado com a graça, a astúcia, a eloquência, a destreza, as invenções daquele divino grego, se desembaraçara do outro *barcalon*, bronco e ronzeiro – e, da melhor maneira, da bela maneira definitiva que se usa no Oriente, e que impede as intrigas importunas do ministro despedido, separando do corpo a cabeça que as urdiria. (QUEIRÓS, p. 1588)

E o Ocidente:

Erguido a *barcalon* o admirável Constâncio [...] teve uma ideia ocidental – a de apoiar o seu poder na amizade e na força dum rei da Europa. Mas qual? [...] Restava os Franceses, que o bom Constâncio considerava ‘mais fáceis de enganar’, sobretudo acariciando a sua leviana e confiada vaidade. (QUEIRÓS, p. 1588-89)

E ainda, ambos os reinos são enganados pelo grego Constâncio, que só será castigado quando o rei do Sião é traído e outro assume seu posto.

Portanto, seja na credulidade em Constâncio, seja na descrição da figura decadente de ambos os reis, seja nas ideias, França e Sião são tratados da mesma

maneira. A mesma ironia abrangerá esses cantos do globo, pois, depreendemos, para Eça, os dois “opostos” se equivalem.

Conclusão

Ao longo dos três textos, Eça vai caminhando pelas várias facetas que o Oriente pode assumir para um pensador europeu. De uma imagem depreciativa, que seria a mais simples e comum de seguir ao se considerar sua nacionalidade, moradia e cultura, a uma visão positiva que chega à “hiper idealização”. No final, Eça encontra seu denominador comum: uma visão imparcial. Ou seja, se ao longo do texto, Eça flerta com imagens orientais que vão de um extremo ao outro, no final percebemos que ele enxerga que nem o Ocidente é superior ao Oriente, nem o Oriente é superior ao Ocidente.

Mais uma vez ressaltando sua origem e cultura, tal conclusão só vem corroborar a já cristalizada imagem de Eça enquanto nome fundamental e insubstituível de seu tempo. E mais, mostra Eça como uma mente à frente do seu século.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BERRINI, Beatriz. “A China na vida e na obra”. In: CAMPOS MATOS, A. (org.) *Dicionário de Eça de Queirós*. Lisboa: Caminho, p. 196-200, 1993

CAMPOS MATOS, A. *Dicionário de Eça de Queirós*. Lisboa: Caminho, 1988

GARMES, Helder. “As fronteiras da civilização em Eça de Queirós”. In: FERNANDES Annie Gisele, OLIVEIRA, Paulo Motta (org.) *Literatura Portuguesa Aquém-mar*. São Paulo: Komedi, p. 53-71, 2005.

GROSSEGESSE, Orlando. “O Fantasma do chinês deschinesado”. In: QUEIRÓS, Eça. *Chineses e Japoneses*. Lisboa: Fundação Oriental, 1997, p. 7-26

MINÉ, Elza. “Eça jornalista no Brasil”. In: ABDALA JR., Benjamin (org.) *Ecos do Brasil. Eça de Queirós – Leituras brasileiras e portuguesas*. São Paulo: Editora Senae, 2000, p. 39-67

QUEIRÓS, Eça. “13 de Agosto de 1893”. In: MINÉ, Elza e CAVALCANTE, Neuma (org.) *Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós. Textos de Imprensa IV (da Gazeta de Notícias)*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 2002, p. 365-370.

_____. “20 de Agosto de 1893”. In: MINÉ, Elza e CAVALCANTE, Neuma (org.) *Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós. Textos de Imprensa IV (da Gazeta de Notícias)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002, p. 371-375.

_____. “Chineses e Japoneses”. In: MINÉ, Elza e CAVALCANTE, Neuma (org.) *Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós. Textos de Imprensa IV (da Gazeta de Notícias)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002, p. 527-346

_____. “A Europa em Resumo”. In: MINÉ, Elza e CAVALCANTE, Neuma (org.) *Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós. Textos de Imprensa IV (da Gazeta de Notícias)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002, p. 231-238.

_____. “França e Sião”. In: *Obras Completas*. Vol. 2. Porto: Lello & Irmão Editores, 1958, p. 1586-1591.

SAID, Edward. *Orientalismo*. O Oriente como invenção do Ocidente. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2001